

# O mercado de exibição e distribuição de cinema em Porto Alegre-RS (1910-1920)

Fábio Augusto Steyer\*

A partir da inauguração de sua primeira sala fixa de cinema, o Recreio Ideal, em 1908, Porto Alegre passou a viver um verdadeiro *boom* da “arte muda”, como o Cinema era chamado naquela época. Em 1910, a capital gaúcha já contava com aproximadamente cinco salas, sem incluir os cinematógrafos ambulantes que se apresentavam nos teatros, salões e praças do Centro e dos arrabaldes. Em 1915, esse número aumentou para cerca de dez salas, mantendo-se até o final da década de 1910. Considerando que em 1916 a população da cidade era de 140 mil pessoas<sup>1</sup>, a média era de um cinema para cada 14 mil habitantes.

Uma das grandes dificuldades para o estudo deste período é a quase impossibilidade de se afirmar com precisão o número de salas de cinema em funcionamento na cidade. Muitas abriam e fechavam as portas em seguida. Outras mudavam de proprietário ou de endereço com muita frequência. No entanto, essas constantes alterações não nos impedem de estudar os cinemas da época, pois os melhores e mais bem equipados mantinham suas portas abertas e ganhavam destaque nas matérias e “reclames” dos jornais de então.

Uma das características mais importantes quanto ao mercado exibidor é que ele não se restringia às salas de cinema. Seguidamente o cinematógrafo era parte importante dos programas de festas e comemorações civis e religiosas. Nas festas em homenagem ao Divino Espírito Santo, por exemplo, ele era um dos pontos culminantes dos festejos populares. De manhã e à tarde, aconteciam as celebrações religiosas. À noite, na Praça da Matriz, havia uma espécie de feira, como uma quermesse, com venda de comidas e bebidas, jogos, carrossel, roleta, etc., terminando com a exibição de filmes e

depois de fogos de artifício. Sobre a Festa de Navegantes, o jornal “Echo do Povo” anunciava o seguinte, em 1913: “Com desusado brilho e imponência, realizou-se hontem a festa dos Navegantes. Às 10 horas foi trasladada por via fluvial a imagem da padroeira que estava na igreja do Rosario, para a igreja dos Navegantes. (...) À noite, houve leilão, cinematographo, fogos de artifício, etc. A concurrencia foi enorme.” (Echo do Povo, Noticiario, 03/04/1913). Em 1912, o Cinema também fez parte das comemorações de 15 de novembro. (Echo do Povo, Noticiario, 18/11/1912).

Outro aspecto interessante a se considerar é que naquela época, como apontam os registros dos jornais, os cinemas empregavam muito mais pessoas do que hoje. Em 1913, trabalhavam no Recreio Ideal pelo menos umas quinze pessoas: um gerente, dois operadores, um ajudante de operador, um bilheteiro, dois porteiros, um maestro e mais os músicos da orquestra. (O Independente, 07/06/1913). Atualmente, segundo o Sindicato das Empresas Exibidoras Cinematográficas de Porto Alegre, cada sala gera cerca de cinco empregos. Na década de 1910, havia mais despesas com funcionários (os músicos, por exemplo) e também mais público. Todos os programas eram impressos e distribuídos às pessoas na rua. Mas também não havia condomínio de shopping-center e nem gastos tão altos com equipamentos e acomodações.

A programação era composta basicamente de filmes europeus e norte-americanos, destacando-se artistas como Francesca Bertini, Max Linder, Theda Bara e Mary Pickford. Os filmes norte-americanos só chegaram com força a partir da

Primeira Guerra Mundial, principalmente em 1916, quando foram exibidos os primeiros filmes da Universal. Em 1917, vieram os filmes da Fox, e, em 1918, os da Paramount. Era pouco freqüente a exibição de filmes locais e nacionais, destacando-se os documentários de Eduardo Hirtz, como "Recepção do Senador Pinheiro Machado", exibido em 1912, no Odeon. (O Diário, 10/02 e 19/03/1912). A grande maioria dos filmes eram alugados, pois o percentual de importação de Porto Alegre era inexpressivo, atingindo a marca de 0,24% do mercado nacional em 1916. No mesmo ano, o Rio de Janeiro era responsável por 61% das importações, e São Paulo, por 31%. (A Federação, 07/11/1917).

As empresas distribuidoras, com sede no Rio e São Paulo, formavam verdadeiros "trusts", submetendo os exibidores a várias exigências, como altos preços e "vendas casadas". Uma delas era a "Companhia Cinematographica Brasileira", com sede em São Paulo, que, em 1912, adquiriu vários cinemas no Rio de Janeiro e assinou contratos de exclusividade para todo o Brasil com uma série de estúdios, como Cines, Milano Film, Eclair, Pasquali e Savoia, entre outros. Num jornal da época, saiu o seguinte: **"Essa Companhia continuará a firmar outros contratos de exclusividade, proseguindo nas negociações para a compra de outros importantes cinematographos do Rio, empregando fortes capitaes e adquirindo outros cinemas nas capitaes dos Estados principaes"**. (O Diário, Informações do Dia, 19/05/1912).

Até mesmo no Rio Grande do Sul se fez uma empresa desse tipo, da qual faziam parte, em 1913, os cinemas Recreio Ideal, Avenida, Força e

Luz e Coliseu. A "Companhia Rio-Grandense", como foi chamada, cujo superintendente era Francisco Damasceno Ferreira, conhecido proprietário de cinemas de Porto Alegre, tinha como objetivo instalar salas tanto na capital como no interior do Estado: "é de prever o exito da Companhia, pois conta ella com todos os 'films' de representação da Companhia [Cinematographica] Brasileira, o que quer dizer, com as 36 principaes fabricas mundiaes". (O Diário, Informações do Dia, 15/01/1913).

**Cinema Theatro Avenida**  
 O preferido da Elite Porto Alegrense  
 Conforto — Luxo — Elegancia  
**HOJE — 6ª feira — HOJE**  
 Mais uma artistica noitada  
 Este centro de diversões não faz bombasticos reclames, porque o maior delles é não poupar esforços de bem servir o generoso e culto publico conhecedor da verdadeira arte, que lhe honra diariamente com seu valioso concurso.  
 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª partes  
**Um accorde em nota menor**  
 Mimoso e fino drama do qual é protogonista a Duze do cinematographo **Maria Carmi**.

A ação dos "trusts" gerou conflitos. Em abril de 1920, por exemplo, o cinema Apollo, dos irmãos Grecco, resolveu exhibir os filmes da Universal, recebendo os parabéns dos agentes da empresa na cidade por "não aceitar imposições absurdas e descabidas das outras agencias filiadas ao 'trust'". Cada qual manda na sua casa e é livre de agir e zelar pelos seus interesses". (A Federação, anúncio, 13/04/1920). A resposta veio em seguida: a Junta do Commercio Importador Cinematographico do Rio publicou anúncio nos jornais afirmando que seria "cortado o fornecimento de films, por tres mezes, ou mais, conforme os casos previstos no Estatuto, àquelle exhibidor que [focasse] films ou programmas da Universal, por ter esta Companhia sahido da Junta

(...)”. (A Federação, anúncio, 16/04/1920).

O público, ao que parece, não estava muito interessado nestes conflitos. Ele queria mesmo era assistir ao maior número possível de filmes, das principais “fábricas” (termo da época) europeias e norte-americanas. Afinal, o Cinema ainda era novidade; a diversão mais concorrida da cidade, que arrastava multidões para dentro das salas, onde todos ficavam, como disse Augusto Meyer, “chumbados ao assento, com toda a vida saindo pelos olhos (...) até a hora melancólica de apejar na realidade”<sup>2</sup>.

## PRINCIPAIS CINEMAS DE PORTO ALEGRE

### 1915-1919

- \* **Cinema Íris** - rua dos Andradas. Proprietários: Silva Irmãos.
- \* **Cinema Colombo** - rua Christovam Colombo, 190 - arrabalde da Floresta. Proprietários: Leopoldo Schilling & Van der Halen.
- \* **Cinema Garibaldi** - rua Venancio Ayres, 21. Proprietário: Hugo Sperb.
- \* **Cinema Garibaldi** - rua Venancio Ayres, 21. Proprietário: Hugo Sperb.
- \* **Cine-Theatro Apollo** - rua da Independencia, 18. Proprietários: Hirtz Irmãos.
- \* **Cine-Theatro Apollo** - rua da Independencia, 18. Proprietários: Grecco & Irmãos.
- \* **Cine-Theatro Avenida** - rua General Câmara, 20. Proprietário: Eduardo Victorino.
- \* **Cinema Carlos Gomes** - Praça Senador Florêncio. Proprietário: Edmundo Wolff.
- \* **Cine-Theatro Brasil** - rua João Alfredo, 178. Proprietário: F. Mattos & Cia.
- \* **Petit-Casino** - rua dos Andradas, 343.
- \* **Cine-Theatro Coliseu** - rua Voluntários da Pátria/Esquina Pinto Bandeira. Proprietários: Irmãos Petrelli.
- \* **Cine-Theatro Coliseu** - rua Voluntários da Pátria/Esquina Pinto Bandeira. Proprietários: Irmãos Petrelli.
- \* **Cine-Theatro Democrata** - rua São Pedro/Esquina Avenida Eduardo.
- \* **Cinema Rio Branco** - Caminho do Meio, 40.
- \* **Cine-Theatro Força e Luz** - avenida Eduardo, 54. Proprietário: Barth & Cia.
- \* **Cinema Orion** - avenida Bomfim, 178. Proprietário: Diederichs & Cia.
- \* **Cine-Theatro Guarany** - rua dos Andradas, 307.
- \* **Cine-Theatro Guarany** - rua dos Andradas, 307.
- \* **Cine-Theatro Recreio Ideal** - rua dos Andradas, 311.
- \* **Cine-Theatro Thalia** - avenida Eduardo, 29 - arrabalde de São João. Proprietários: Empresa Esperança & C.

BOA NOVA, M. e SILVA, Rubens. *Guia Popular de Porto Alegre (1915)*. Porto Alegre, Ludwig, 1915.

STEYER, Fábio Augusto. *O Cinema em Porto Alegre (1896-1920)*. Porto Alegre: 1998.

“*Guia Pública de Porto Alegre*”. Porto Alegre: Hug. Müller, 1919.

STEYER, Fábio Augusto. *O Cinema em Porto Alegre (1896-1920)*. Porto Alegre: 1998.

<sup>1</sup> Planta da cidade de Porto Alegre (1916). In: FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre-Guia Histórico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1998, p. 10-11.

<sup>2</sup> MEYER, Augusto. *Segredos da Infância/No Tempo da Flor*. Porto Alegre: IEL/Ed. da Universidade, 1996, p. 111.

---

\*Pós-graduando em Cinema (Famecos/PUCRS). Mestrando em História do Brasil (FFCH/PUCRS).